

LEITURA – LEITURAS: QUANDO LER (BEM) É PRECISO

“[...] Alguns leitores ao lerem estas frases (poesia citada) não compreenderam logo. Creio mesmo que é impossível compreender inteiramente à primeira leitura pensamentos assim esquematizados sem uma certa prática.”

(Mário de Andrade – Artista)

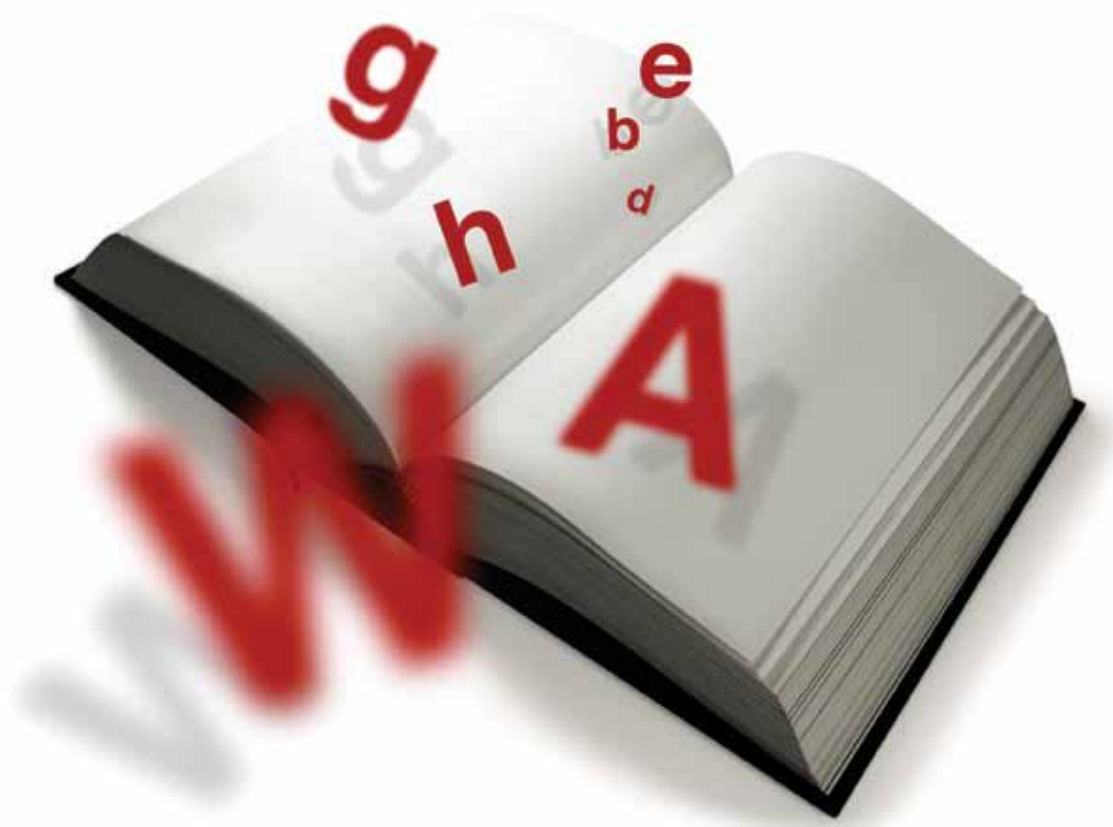
*“Eu sou um escritor difícil
Que a muita gente enquizila,
Porém essa culpa é fácil
De se acabar duma vez:
É só tirar a cortina
Que entra luz nesta escuréz.”*

(Mário de Andrade – Lundu do escritor difícil)

Professora Marina C. Moreira Cezar

No eterno criar e recriar da atividade verbal, a criatividade, a semanticidade, a intersubjetividade, a materialidade e a historicidade são propriedades essenciais da linguagem, indispensáveis a todos os atos de fala, sejam eles presentes, passados ou futuros.

Porém, é a atividade semântica que intermedeia a conexão dos seres humanos com o mundo dos objetos, estabelecendo a relação entre o Eu e o Universo, e, junto com a alteridade (relação do Eu com o Outro, de caráter interlocutivo), permite a identificação da lingua-



gem como tal, pois a linguagem existe não apenas para significar, mas significar alguma coisa para o outro.

A semântica possibilita o indivíduo conceber e revelar as coisas pertencentes ao mundo do real e da imaginação. Logo, é ao mesmo tempo significação, modo de conceber, ou melhor, uma configuração linguística de conhecimento, uma organização verbal do pensamento, e designação ou referência, aplicação dos conceitos às coisas extralinguísticas.

Significar e designar são dois aspectos da dimensão semântica da linguagem e, por isso,

quem não tem amplo e eficaz domínio da linguagem não se faz plenamente no mundo como ser livre e pensante e se torna presa fácil da tirania e trapaçarias linguísticas do outro (Barros & Bittencourt, 2003:39-40).

Todos os portadores de violenta interdição expressiva, os sem voz, tornam-se marginalizados socialmente. Subjugados pelo Outro, embrutecidos, animalizados, acabam vítimas das atrozidades injustas dos opressores, como ocorre com as personagens Macabéa, em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector; Fabiano, em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos; Bertoleza, em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, personagens emblemáticos, do universo literário nacional, e que retratam bem essa circunstância.

No plano semântico, Coseriu (1992) distingue em cada ato de fala três características básicas:

- A designação (plano do falar em geral) – referência a objetos (ou a realidade) extralinguísticos.
- O significado (plano histórico da língua) – conteúdo estritamente linguístico em uma determinada língua, consequência da oposição entre os próprios signos.
- O sentido (plano do discurso) – conteúdo especial e autônomo de um ato linguístico (ou de um texto), corresponde às atitudes, às intenções, às opiniões, ou às suposições do falante.

A diferença entre significado e sentido consiste no fato de o primeiro se apreender na língua, e o segundo se apreender no texto.

Roland Barthes (2004), ao discutir as formas de construção de discurso em sociedades baseadas em estruturas socioeconômicas e neuróticas, conta que, ao passear por uma região de pequenos proprietários franceses, viu três tabuletas diferentes à porta de três casas: “Cão bravo”, “Cão perigoso”, “Cão de guarda”.

Argumenta, então, que, através da utilização de uma mesma língua, e de uma mesma mensagem: “não entrem”, temos três escolhas, três envoltórios, três mentalidades: na primeira, expressa-se uma atitude selvagem, o cão (“quer dizer, certamente, o proprietário”) é feroz, na segunda, a postura é protetora, o cão oferece perigo, (“a casa está armada”) e na última, legítima, o cão protege a propriedade (“é um direito legal”). Cada uma dessas escolhas linguísticas revela um comportamento bem definido, refletindo uma sociedade que, na visão barthiana, transforma a diferença em conflito, em espaço de guerra.

Embora a designação (reportar-se a um cão que torna a entrada proibida a estranhos) seja a mesma nos três discursos, o significado e o sentido, como se vê, diferem em todos eles.

Dado o caráter semântico da linguagem, a distinção do conteúdo especial e autônomo – o sentido – torna-se fundamental no processo interpretativo.

Frequentemente, as pessoas, por não conseguirem apreender o sentido do texto, apresentam dificuldades para entender exatamente o que se diz. Esse fato pode acabar gerando um grande equívoco, conforme mostra Lya Luft:

Palavras ofendem mais do que a realidade – sempre achei isso muito divertido. Palavras servem para criar mal-entendidos que magoam durante anos:

– Você aquela vez disse que eu...

– De jeito nenhum, eu jamais imaginei, nem de longe, dizer uma coisa dessas...

– Mas você disse...

– Nunca! Tenho certeza absoluta!

(Veja, 14 jul.2004, p.20)

A dificuldade ou mesmo a incapacidade de compreender o sentido textual é explorada em diferentes gêneros, onde o humor se apropria de possíveis dubiedades de sentido ou da impossibilidade (ou incapacidade) de o(s) interlocutor(es) entender(em) o que foi dito, como:

a) nas anedotas:

Manuel teve um filho e foi registrá-lo no cartório:

– Que nome você gostaria de dar ao seu filho?

– Arquibancada do Vasco.

– Mas como Arquibancada do Vasco? Você sabe que esse tipo de nome é proibido? Seu filho não pode ter esse nome.

- Mas por que não? É um nome normal como qualquer outro. Meu sobrinho tem até um coleguinha com um nome semelhante.
- Seu Manuel, isso é proibido. Eu não posso atendê-lo. Vejamos: qual o nome do coleguinha?
- Geraldo Santos.

(<http://www.geocities.com/Athens/Delphi/8488/livro/humor.html> – acessado em 8 jul 2009).

b) nos chistes:

Senhor Barriga, o senhorio, ao Chaves:

- Vou mandar consertar as fachadas da Dona Florinda e da Dona Clotilde.
- Bem que as duas estão precisando.

(<http://www.geocities.com/Athens/Delphi/8488/livro/humor.html> – acessado em 8 jul 2009).

c) nas peças cômicas, também chamadas de comédias de situação:

Por falta de roupa nova passei o ferro na velha,
de Abílio Fernandes;

Minha mãe é uma peça, de Paulo Gustavo.

A diferenciação entre significado e sentido se estabelece com mais clareza nas intervenções irônicas. Quando se diz: “– Vamos ser convidados para o jantar, sim”, mas se quer dizer exatamente o contrário, isto é: “– Não vamos ser convidados para o jantar, de maneira alguma”.

No texto escrito, por não ser possível se ter uma recuperação imediata de sentido, caso ocorra alguma distorção do propósito comunicativo, e por não se poder contar com os marcadores prosódicos (o tom de voz, as pausas – silenciosas, ou preenchidas –, os alongamentos vocálicos, a entonação, a velocidade e o ritmo da fala, entre outros elementos), e com os marcadores não linguísticos ou paralinguísticos (o riso, o olhar, os gestos, os movimentos do corpo, a interação corporal entre outros.), recursos próprios da prática oral, às vezes, é difícil perceber-se a ironia (principalmente se ela for sutil), o que ocasiona uma entropia, um ruído, comprometendo a construção do sentido.

Por isso, o jornalista e cronista Joaquim Ferreira dos Santos, objetivando uma melhor apreensão de sentido, advoga a criação de um outro sinal de pontuação: o ponto de ironia, que, em determinadas situações, explicitaria a intencionalidade do locutor, evitando confusões:

O ponto de ironia é uma das grandes lacunas da língua portuguesa escrita. Ele deveria ser inventado para sinalizar que o que vai ser

dito agora é o contrário do que na verdade se quer dizer. [...].

“Mulheres de Atenas”, do Chico, é toda construída sob a égide do ponto de ironia. Sempre de ideias avançadas, Buarque de Holanda choca a plateia por exaltar naquela letra o comportamento conservador das heroínas. Uma farsa, claro, mas, como falta o tal ponto de ironia, há gente que reclama até hoje de o autor ter convocado todas as mulheres do mundo a viver como as gregas – em novenas, morenas, obscenas, pequenas, belenas – para seus maridos. Era o contrário. Era um deboche do artista à caretece.

Os catedráticos que regulam a língua insistem em não criar o ponto de ironia, o que deixaria todas as intenções muito claras. [...].

(O Globo, 31 out. 2005, 2º cad., p.8)

O falar uma coisa, mas, na verdade, querendo dizer outra, é também bastante comum no universo político, onde a imprecisão semântica (em uma guerra de palavras) pode, num caso extremo, culminar com uma guerra real entre nações.

Uma guerra de palavras explodiu na segunda-feira, enquanto condenações e ameaças veladas choviam sobre a nuclear Coreia do Norte. Os chineses disseram: “descaramento”. Os finlandeses: “provocação”. Idem o presidente Bush, que também usou a palavra “inaceitável”, prima semântica do mais agressivo “intolerável”, citado três anos atrás:

– Não toleraremos armas nucleares na Coreia do Norte – disse Bush, na ocasião.

Do intolerável ao inaceitável, qual o significado oculto dessas palavras? É uma linguagem diplomática que precisa de tradução? Ou são apenas as palavras que podem ser ditas em público quando alguém se encontra numa situação difícil? [...] diplomatas e líderes mundiais são conhecidos por falarem uma coisa querendo dizer outra.

– Quando temos “discussões francas e honestas”, quer dizer que berramos um com outro – conta Herman Cohen, ex-secretário

de Estado, assistente no governo Ronald Regan. – Já “conversas construtivas” significam que “bem, nós não concordamos, mas pelo menos não estamos furiosos”.

(O Globo, 11 out. 2006, p. 39)

No processo educativo, a noção de sentido – que não se esgota no conhecimento da língua (a construção das frases, os mecanismos sintáticos, as formas verbais, as formas de tratamento, etc.), como se acreditava no passado, e ainda creem alguns, mas mobiliza, igualmente, um vasto conjunto de saberes (o conhecimento de mundo, o conhecimento dos gêneros textuais, o conhecimento dos recursos expressivos, o conhecimento de outros textos [intertextualidade]¹, por exemplo), tanto da parte de quem escreve quanto da de quem lê – adquire relevância essencial, especialmente no estudo da construção do texto literário, cuja linguagem, por apresentar elaborado intento estético, por ser plurissignificativa, admite múltiplas leituras, e, dessa forma, possui grande complexidade (Uchôa, 2003).

O duplo exercício do jogo de construção e reconstrução do(s) sentido(s), não resta dúvida, está condicionado a uma participação efetiva de quem lê (ou ouve) o texto do outro.

No processo de leitura do texto, para que o leitor se aproprie desse(s) sentido(s), é necessário que ele domine não apenas o código linguístico, mas também compartilhe bagagem cultural, vivências, experiências, valores;

¹ Muitos especialistas consideram que, de certa maneira, todos os textos são parte de um texto único: “Assim como o sentido de uma obra não se esgota nela mesma mas se revela nas suas relações com as outras partes, uma obra inteira jamais poderá ser lida de modo satisfatório e esclarecedor se não a relacionarmos com outras obras, anteriores e contemporâneas. Em certo sentido, todos os textos podem ser considerados partes de um único texto que vem sendo escrito desde que o tempo existe.” (Todorov, 2003:329)

correlacione os conhecimentos construídos anteriormente (de gênero e de mundo, entre outros) com as novas informações expressas no texto; faça inferências e comparações; compreenda que o texto não é uma estrutura fechada, acabada, pronta; perceba as significações, as intencionalidades, os dialogismos, o não dito, os silêncios.

Em resumo, é fundamental que, por meio de uma série de contribuições, o interlocutor colabore para a construção do conhecimento. Assim, ler não significa traduzir um sentido já considerado pronto, mas interagir com o outro (o autor), aceitando, ou não, os propósitos do interlocutor.

Há, assim, uma multiplicidade de fatores que, de alguma forma, interfere no “sentido que os usuários constroem no/a partir do texto” (Koch e Travaglia, 1995:102), e ainda que os elementos de coesão², que se encontram no texto, e os princípios de coerência, que se constroem no texto, estejam intimamente relacionados no processo de compreensão textual, é a coerência que dá origem à textualidade, ou melhor, “o que faz de uma sequência linguística um texto e não um amontoado aleatório de palavras” (idem, 26).

Desta forma, ler, a par do conhecimento linguístico, do conhecimento de mundo e do conhecimento partilhado, comporta outros fatores, complexos e inter-relacionados, fundamentais para a constituição da coerência e, portanto, da textualidade: as inferências, os fatores pragmáticos, a situacionalidade, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a focalização, a intertextualidade e a relevância; elementos que vão sendo percebidos na tessitura textual, enquanto o leitor alcança os níveis mais profundos de leitura, apropriando-se e usufruindo do texto, transitando entre palavras, significados e sentidos com competência linguística.

² Isto é, ligações linguísticas explícitas que criam estrutura em um discurso (Trask, 2004:57).

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Luiz M. M. de; BITTENCOURT, Terezinha. *As propriedades essenciais da linguagem. Confluência. Rio de Janeiro: Lucerna, n. 25 e 26, 2003. p. 36-54.*

BARTHES, Roland. *O rumor da língua. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.*

COSERIU, Eugenio. *Competencia lingüística: elementos de la teoría del hablar. Madrid: Gredos, 1992.*

KOCH, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1995.*

TODOROV, Tzvetan. *Poética da prosa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.*

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística. Tradução de Rodolfo Ilari. Revisão técnica de Ingedore Villaça Koch e Thais Cristóvão Silva. São Paulo: Contexto, 2004.*

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *Coseriu e a linguística do texto. Confluência. Revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português. Rio Janeiro: Liceu Literário Português, n. 25 e 26, p. 24-35, 2003.*